

Editorial

O Olhar...uma janela para o mundo!



*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
(Alberto Caeiro)*

Ao olhar, o que vejo? As coisas, as pessoas, a natureza, vejo a mim. Olhar que se espanta, compraz, horroriza, pacifica, estranha, questiona. Olhar que não vê... E silêncio que vê de fora para dentro, invertendo a ordem natural, mas devolvendo o que a experiência já viu.

A sabedoria é a experimentação dos afetos, daí a importância do olhar e do silêncio. Olhar é pôr-se fora de si mesmo e abandonar-se ao campo dos afetos. Pelo olhar e pelo silêncio inicia-se o nosso aprendizado dos afetos.

Podemos sugerir o OLHAR como mote deste nº 38 da *Revista Portal de Divulgação*? Na epígrafe de Pessoa, no trecho do artigo *Velhice e olhar: o corpo concentrado nos olhos*, iniciamos um caminho de reflexão.

Sabedoria e afetos, olhar e silêncios. Companheiros íntimos muitas vezes “esquecidos”.

Hoje, qual o espaço para essa viagem do olhar - de fora para dentro, de dentro para fora? Somos realmente subjugados pela sociedade de consumo que nos mostra, diversas vezes, uma realidade “embaçada”, em que se misturam verdades impostas? Que seduzem repetindo preconceitos cristalizados? Essa é uma das reflexões do artigo *A mídia publicitária e o idoso brasileiro*, que nos provoca ao indagar:

A publicidade utiliza vários estigmas em suas mensagens para fazer rir; se rimos, os reproduzimos. E quando os reproduzimos, massificamos, rotulamos; não criticamos. Onde está a inteligência humana? Que é de nossa capacidade crítica? Afinal, não foi graças a ela que ganhamos a longevidade?

O mundo mediático que vivemos, como tudo o que foi criado pelo gênio humano, tem duas faces: o bom, o bem; o perverso, o enganador. O facebook é exemplo dessa dicotomia: amizades apenas virtuais, conversas banais, vidas forjadas, diálogos frios. Mas possibilidade de contatos, de reencontrar e reviver antigas amizades, comunicar-se com a família distante, como mostra *Facebook fortalece laços familiares de idosos imigrantes*. Ver o outro e a nós mesmos na



partilha de fotos e fatos, compartilhar momentos de festa e alegria, consolidar laços. Só isso não basta para nossos afetos. Amenizam a distância e as saudades, mas não substituem o abraço, o beijo, o calor do outro em nós, o cheiro do outro, de nós mesmos.

Em *Uma história de vida: os laços familiares de Cecília*, “vemos” uma vida de muitos afetos, fotos de outros tempos que complementam a escuta – olhar a

trajetória – de uma mulher, de uma família. Quando contamos ou vemos fotos de momentos marcantes visualizamos no duplo sentido: olhamos de fora – a foto – para dentro – e nosso olhar se amplia e multiplica – de fora para dentro. Temos a dimensão de um universo.



O olhar microscópico, que decifra o desconhecido e desvela essa outra dimensão do universo, pretensamente tão conhecido, mostra-se poeticamente no texto *Fotobiografia. Microcosmo despercebido*.

Olhar “ingênuo”, inaugural, para uma folha, uma rodela de cebola, um tronco, uma árvore. Olhar do artista que faz de uma máquina seu instrumento criativo, e por meio dele, se refaz. Outro olhar...

*Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...*

*O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...*

Vemos o mundo, mas não pensamos nele, sobre ele? Como diz o poeta “pensar é estar doente dos olhos”? Não olhamos para o malmequer, mas para a sempre viva – aquela que resiste - e busca cuidar e aceitar o mundo de desafios que se impõe como no sensível *Diário de Sempre Viva. Mudanças e caminhos no enfrentamento do Alzheimer*. Ela vê, vive, partilha em blog suas experiências de afeto, esperando a cumplicidade de outros modos de ver esse mundo de esquecimentos, e apenas momentos fugidios de recordações.

Olhar para trás – a memória do passado. Mas esse olhar parte do presente e

se dirige ao futuro como no item *Reflexões*, composto de uma comunicação e análise crítica sobre os *Dez anos do Estatuto do Idoso*; e de duas experiências: uma em São Paulo, no fórum *Cuidado para a vida longa*, e outra na distante Seul, durante o 20º Congresso Mundial de Geriatria e Gerontologia, realizado em junho de 2013, em *IAGG, 2013: impressões de um congresso na Ásia*.



Culturas diferentes, múltiplos olhares sobre usos, costumes e produções acadêmicas que indicam o caminho futuro para uma longevidade avançada, na qual a tecnologia de ponta e a robótica buscam integrar os caminhos do cuidar. No entanto, em um estudo comparativo, envolvendo idosos brasileiros e japoneses, a pesquisadora Priscila Yukari Sewo Sampaio afirma que a “ideia preconcebida de que envelhecer no Oriente é quase sempre melhor do que no Ocidente precisa ser revista”. O japonês vive muito, mas não necessariamente bem.

Há muita solidão por aqui. Os serviços de saúde ou as instituições para idosos carecem de recursos humanos. Quem faz o atendimento e propicia entretenimento são robôs. O contato físico e humano não é importante.

...

Com a idade, ele se torna mais dependente e acha que não deve dar trabalho à família. Há muito suicídio nessa faixa etária, assim como nas mais novas. Os jovens se sentem incomodados com a presença maciça de idosos na sociedade. Eles são vistos como pessoas que oneram o sistema financeiro. Esses jovens ficam desconfortáveis diante da velhice, porque imaginam que, ao atingir essa faixa etária, não contarão com os mesmos recursos que os idosos de hoje, pois eles serão em número ainda maior no futuro.

Realidade. Mas apesar dos avanços técnicos e científicos observados, a autora do artigo provoca: *Devemos refletir até onde vai o limite dessa ajuda tecnológica. No Japão e em outros países, nos quais o idoso sofre por falta de intimidade e calor humano, ela é válida? Ponto de reflexão!*



A Bela Vista: o bairro paulistano que tem em seu nome o tema do olhar que se alia à expressão *À frente, quatro folhas altas de janela, cheia de sol*, em um jogo de esconde entre o visto e o entrevisto na crônica *Estudo de piano, bairro da Bela Vista*. O tempo marcado pelo tempo de estudo – 2 horas – e a vida lá fora... A janela para um mundo cheio de sol, por meio dela a viagem do olhar. Imaginava a cena – um olhar interno sobre um mundo conhecido e atraente. Ficaram internalizados a música de Mozart, a sala, o sol na janela. Tempo passado, revisto hoje – olhar do presente, mas que presentifica o vivido.

Olhar... o olhar.

*Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...¹*

Boa Leitura!

Beltrina Côrte e Vera Brandão

¹ Alberto Caeiro, em "O Guardador de Rebanhos", 8-3-1914. Disponível em:
<http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaeiro/207.php>